HERMENÊUTICA DO (IN)DIZÍVEL

linguagem e experiência religiosa
a partir de Hans-Georg Gadamer

Jungley Torres

SABER CRIATIVO

O presente livro é uma versão revista de minha tese de doutorado, defendida em fevereiro de 2026, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob a orientação do Prof. Dr. Frederico Pieper. A obra tem como horizonte as contribuições da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, especialmente no que concerne à centralidade da linguagem como condição de possibilidade da experiência humana. A partir desse referencial, busca-se desenvolver uma reflexão sobre a experiência religiosa que ultrapasse os limites do paradigma da subjetividade, propondo compreendê-la como um acontecimento que se realiza na e pela linguagem, em sua dimensão dialógica.

Nesse percurso, o livro desdobra uma questão que consideramos decisiva para os estudos da religião: como pensar experiências que se afirmam para além da linguagem? A hipótese que orienta esta investigação sustenta que o chamado indizível não se encontra fora da linguagem, mas se manifesta em suas próprias fronteiras, na tensão entre o dizer e o não dizer, (des) velando sua potência simbólica e interpretativa.

Este livro é, também, fruto de uma trajetória marcada pelo encontro com a educação, com a filosofia e com a experiência viva da linguagem no cotidiano. Por isso, mais do que apresentar respostas definitivas, ele se oferece como um convite ao diálogo, à escuta e à reflexão sobre os modos pelos quais nos tornamos, na linguagem, aquilo que somos.

A linguagem é assim o verdadeiro centro do ser humano, e se contempla no âmbito que somente ela possibilita: o âmbito da convivência humana, o âmbito do entendimento, do acordo sempre maior, que é tão imprescindível para a vida humana como o ar que respiramos. O ser humano é realmente, como disse Aristóteles, o ser dotado de linguagem. Tudo que é humano passa pela linguagem.
(Gadamer, 2002, p. 152)

Sumário

Prefácio

O que acontece quando uma categoria, uma palavra ou uma expressão deixam de apenas nomear algo e passam a abrir um mundo?

Talvez seja essa a pergunta silenciosa que atravessa este livro. Porque há conceitos que, de tanto serem utilizados, tornam-se quase transparentes. Circulam entre nós como evidências, como se sempre soubéssemos exatamente o que querem dizer. "Experiência religiosa" é um deles. Durante décadas (para não dizer séculos), essa categoria ocupou lugar central, tida quase como natural, nos estudos da religião. Tornou-se praticamente inevitável. Falou-se dela para indicar o contato com o sagrado, o sentimento de dependência absoluta, o numinoso, a experiência do divino, a interioridade da fé. E, pouco a pouco, a expressão foi adquirindo um ar de familiaridade conceitual, como se bastasse pronunciá-la para que soubéssemos do que se trata.

Mas podemos assumi-la assim, sem maiores questionamentos, com tamanha tranquilidade?

Há livros que nascem para reafirmar conceitos já consolidados. Outros, por usa vez, interrogam as próprias condições que tornaram tais conceitos possíveis. É precisamente nesse segundo movimento que se situa esta obra de Jungley de Oliveira Torres Neto.

A pessoa leitora encontrará aqui não um estudo sobre a experiência religiosa enquanto fenômeno isolado, tampouco uma tentativa de descrever experiências místicas específicas ou catalogar estados interiores da consciência. O que se propõe é algo mais radical e filosoficamente mais exigente: uma investigação da experiência religiosa enquanto categoria de interpretação do fenômeno religioso. A diferença é decisiva. Porque o problema deixa de ser simplesmente "o que é" a experiência religiosa e passa a ser: como essa categoria foi construída? Quais são as conceituações a ela atribuídas? Que pressupostos carrega? O que ela ilumina? O que ela obscurece?

O mérito desta tese consiste justamente em reconhecer que a categoria de experiência religiosa possui uma história. E como toda história conceitual, ela não é neutra. Nasce em determinado horizonte filosófico, responde a problemas específicos e produz determinados efeitos interpretativos. Ao revisitar autores

fundamentais como Friedrich Schleiermacher, William James, Rudolf Otto e Joachim Wach, Jungley Torres mostra como a noção clássica de experiência religiosa foi sendo progressivamente vinculada à interioridade subjetiva, à imediaticidade do sentimento ou à esfera do indizível. Em muitos momentos, a experiência religiosa parece surgir como aquilo que escapa à linguagem, à história e à mediação cultural. É aqui, porém, que o livro realiza seu movimento mais fecundo.

Em vez de simplesmente abandonar a categoria, como fazem algumas críticas contemporâneas, o autor decide ressignificá-la. E faz isso recorrendo à hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer. Trata-se de um gesto teórico extremamente produtivo. Porque Gadamer permite deslocar a experiência religiosa do domínio fechado da subjetividade para o horizonte compartilhado da linguagem, da tradição e da interpretação.

A experiência religiosa deixa, então, de ser concebida como um núcleo puro, silencioso e pré-linguístico da consciência. Ela passa a ser entendida como acontecimento hermenêutico: algo que se realiza na linguagem e através dela; algo que emerge no diálogo entre tradição, mundo, historicidade e interpretação.

Há uma imagem que talvez ajude a compreender o alcance deste deslocamento. Durante muito tempo, pensou-se a experiência religiosa como uma chama interior protegida do mundo: algo íntimo, inacessível, quase secreto. Este livro, porém, nos convida a vê-la de outro modo: não como chama isolada, mas como fogo compartilhado ao redor do qual seres humanos narram, interpretam, silenciam, simbolizam e constroem sentido coletivamente.

Isso não significa reduzir a religião à linguagem num sentido empobrecido. Pelo contrário. O que Jungley Torres demonstra com grande sensibilidade filosófica é que a linguagem não é mero instrumento externo da experiência. Ela é o próprio horizonte no qual a experiência se torna possível. Mesmo o indizível (sobretudo ele!) permanece tensionando a linguagem desde dentro. O silêncio não aparece aqui como negação do dizer, mas como seu limite fecundo. Como aquilo que força a linguagem a reinventar-se em metáforas, símbolos, paradoxos e narrativas.

Nesse ponto, a tese alcança uma de suas contribuições mais originais: mostrar que o problema do indizível não destrói a perspectiva hermenêutica, mas a radicaliza. Porque aquilo que parece escapar totalmente à linguagem continua produzindo linguagem. Continua gerando interpretação. Continua exigindo comunidade, tradição e escuta.

Talvez por isso este seja, no fundo, um livro sobre o diálogo. Não apenas porque Gadamer ocupa seu centro teórico, mas porque toda a investigação

é atravessada pela convicção de que compreender nunca é um ato solitário. Compreender é sempre entrar num horizonte compartilhado. Herdar palavras. Habitar tradições. Escutar vozes anteriores. E também deixar-se transformar por aquilo que nos interpela.

Num tempo em que tantas experiências religiosas parecem oscilar entre o dogmatismo absoluto e a privatização subjetiva da fé, este livro oferece outro caminho: pensar a religião como acontecimento interpretativo, público e dialógico. Um acontecimento que não elimina a profundidade da experiência, mas a reinscreve na trama viva da linguagem humana.

Há livros que encerram categorias, palavas e conceitos. Outros os devolvem à vida. Este pertence claramente ao segundo tipo.

Prof. Dr. Frederico Pieper
Departamento de Ciência da Religião da
Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora, 12 de maio de 2026

Introdução

Este livro tem como ponto de partida as contribuições do pensamento de Hans-Georg Gadamer, cuja hermenêutica filosófica fundamenta o fenômeno da compreensão *na* e *pela* linguagem e, com efeito, conduz à percepção de que a linguagem é constitutiva da experiência humana, e não apenas uma instância posterior de expressão. A partir dessa perspectiva, busca-se analisar de que modo a hermenêutica filosófica de Gadamer pode contribuir para a compreensão da *experiência religiosa*. Para isso, é necessário, em um primeiro momento, perscrutar o fenômeno da compreensão, conforme abordado por Gadamer, e examinar a plausibilidade de sua contribuição para o entendimento dessa experiência. Assim, o ponto de partida será a própria hermenêutica filosófica desenvolvida pelo autor, a partir da qual se pode formular a seguinte questão: o que aprendemos sobre o tema com Gadamer que, sem ele, não seria possível? Ou, por conseguinte, de que modo a hermenêutica filosófica desenvolvida por Gadamer contribui na elucidação da *experiência religiosa* e na compreensão de seus efeitos formativos no horizonte dialógico da linguagem?

Considerando essa pergunta, serão analisados os fundamentos da hermenêutica filosófica na obra magna de Gadamer: *Wahrheit und Methode:* Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik (*Verdade e Método*: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica), publicada em 1960, que será o aporte teórico fundamental para esta investigação. Concomitantemente, serão investigados os escritos de Gadamer sobre religião nos textos: *Ästhetische und religiöse Erfahrung* [1964/1978] (*Experiência Estética e Religiosa*), publicados no volume *Ästhetik und Poetik I*: Kunst als Aussage (*Estética e Poética I:* a arte como expressão), pertencente à coletânea *Gesammelte Werke* [1993]; e *Reflexionen über das Verhältnis von Religion und Wissenschaft* [1984] (*Reflexões sobre a Relação entre Religião e Ciência*), incluído em uma seleção de escritos traduzidos no volume *Hermeneutics, Religion, and Ethics* [1999] (*Hermenêutica, Religião e Ética*). Embora esses dois textos não sejam grandes em extensão, eles possibilitam um aprofundamento na abordagem do autor sobre religião. Nesse contexto, observar-se-á que o pensamento de Gadamer é movido por uma vocação ao diálogo, *Leitmotiv* de sua filosofia, que confere à hermenêutica o caráter de acontecimento linguístico.

Igualmente, o fenômeno da compreensão é sempre um movimento vivo, um constante projetar de sentido que se renova na relação entre o intérprete e aquilo que se compreende. Essa dinâmica expressa um processo autogerador e inacabado, no qual o compreender não é dominar nem conceber, mas deixar-se interpelar pelo que se manifesta; compreender é um gesto vital, semelhante ao respirar: não um procedimento técnico, porém a condição imprescindível de nossa própria existência. Nesse contexto, a compreensão não parte de um ponto atemporal, mas de uma tradição que nos antecede e constitui nossa pré-compreensão. Somos sempre seres situados, herdeiros de uma história que se comunica conosco e à qual podemos responder. É nesse horizonte que se delineia o giro hermenêutico em direção à linguagem, que, a partir de Gadamer, torna-se o lugar em que o ser e o compreender se entrelaçam na linguagem.

O alcance dessa virada hermenêutica exige, contudo, o retorno a seus antecedentes histórico-filosóficos. A proposta de Gadamer se constitui a partir de um diálogo crítico com a tradição filosófica da qual herda tanto os avanços quanto as tensões e problemáticas que buscará repensar à luz de uma perspectiva hermenêutico-dialógica. O contexto intelectual mais imediato se insere nas contribuições de Friedrich Schleiermacher, em que a hermenêutica deixa de ser mera técnica de interpretação de textos sagrados, jurídicos ou literários e passa a ser concebida como uma arte geral do compreender. O autor rompe com o caráter instrumental da hermenêutica e inaugura uma concepção sistemática do processo interpretativo, no qual o intérprete adentra o horizonte do autor por meio de um movimento de projeção interpretativa, ancorado na dimensão psicológica da intenção autoral e na busca de uma reconstrução empática do sentido. Com efeito, em Wilhelm Dilthey, a hermenêutica adquire um novo contorno ao ser situada no âmbito das ciências do espírito e vinculada à historicidade da experiência humana. Sua principal contribuição reside no entendimento de que as partes só podem ser entendidas a partir do todo, e o todo, por sua vez, somente se revela por meio das partes, relação essa que o autor aplica à interpretação histórica da vida. Será importante perceber que Dilthey mantém o ideal de fundamentar a hermenêutica como método, buscando para as ciências humanas a mesma segurança que o modelo das ciências naturais almeja garantir. É nesse contexto que Gadamer irá se posicionar e ressignificar a hermenêutica: da epistemologia de interpretação à ontologia da compreensão.

Convém destacar que, na modernidade tardia, é com Martin Heidegger que a hermenêutica ultrapassa o domínio metodológico e alcança densidade ontológica, ao assumir a fenomenologia como ontologia da compreensão, cujo instrumento é a hermenêutica da facticidade. Nesse horizonte, compreender constitui um traço

fundamental da própria existência humana, uma vez que o ser não é algo dado, mas algo que se desvela na relação interpretativa que o *Dasein* estabelece com o mundo. A compreensão deixa, portanto, de ser apenas uma operação cognitiva ou uma técnica aplicada, para ser compreendida como o próprio modo humano de ser-no-mundo. É nesse horizonte que Gadamer inscreverá sua contribuição, radicalizando a virada ontológica da hermenêutica pelo fio condutor da linguagem. No âmbito desse percurso, nossa abordagem conduz, inevitavelmente, à célebre afirmação de Gadamer que condensa sua tese fundamental: "*Ser que pode ser compreendido é linguagem*" (Gadamer, 1999b, p. 687). Escrita no final dos anos 1950, essa formulação reverbera diretamente em nossa temática, pois explicita que a compreensão se realiza *na* e *pela* linguagem. A partir dessa concepção, a linguagem se coloca como a própria condição de possibilidade da experiência humana *no* e *do* mundo.

No curso dessa investigação, torna-se profícuo analisar a tradução da emblemática frase de Gadamer: "*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*" (Gadamer, 1990, p. 478), realizada por Gianni Vattimo. A tradução de *Wahrheit und Methode* para o italiano, *Verità e metodo*, publicada em 1972, teve repercussões decisivas na difusão da hermenêutica filosófica nas línguas neolatinas. Jean Grondin (2007, p. 239) identifica nesse gesto tradutório o processo de "latinização da hermenêutica" de Gadamer. Todavia, é justamente no ato tradutório que emerge um problema decisivo: o sentido de uma vírgula. Vattimo se deparou com a particularidade sintática da língua alemã, em que as orações relativas exigem o uso obrigatório de vírgulas, e hesitou entre duas possibilidades de tradução. A primeira, mais literal, preservava a relação mediada entre ser e compreensão por meio da linguagem: *"l'essere che può venir compreso è linguaggio"*, ou seja, "o ser que pode ser compreendido é linguagem". A segunda, mais ousada, inseria vírgulas adicionais, radicalizando seu aspecto ontológico: *"l'essere, che può venir compreso, è linguaggio"*, isto é, "o ser, que pode ser compreendido, é linguagem". Será importante observar que Vattimo identifica, na tensão presente na escolha desse problema – o de uma vírgula –, o dilema inerente a um autêntico hermeneuta e, por implicação, à própria questão da linguagem. Nesse ponto, torna-se necessário retomar a base ontológica dessa formulação e a virada decisiva operada por Heidegger, a partir da qual Gadamer delineia o horizonte próprio de sua hermenêutica filosófica.

Embora reconheça na ontologia fundamental de Heidegger o impulso decisivo para conceber a hermenêutica como modo de ser-no-mundo, Gadamer trilha um caminho próprio, deslocando o foco da hermenêutica para a experiência dialógica do compreender (ontologia do diálogo). À vista disso, Gadamer

ressignifica o vigor da hermenêutica, ampliando-a para o modo humano de *ser-com*, de *ser uns-com-os-outros*. Desse modo, o diálogo emerge como fundamento da hermenêutica filosófica de Gadamer, não apenas como forma de comunicação, mas como experiência que produz efeitos formativos no interior da vida compartilhada. Inspirado na tradição socrático-platônica, o filósofo reconhece no diálogo o próprio acontecimento da experiência humana. Nessa perspectiva, o diálogo torna-se o fundamento da hermenêutica filosófica, que adquire um caráter aberto e se projeta para o âmbito público, ético e político da convivência humana, configurando-se como espaço privilegiado de formação dialógica, no qual a compreensão acontece sempre de modo relacional.

Dessa forma, ao situar a hermenêutica filosófica na perspectiva do diálogo, Gadamer defende que compreender é sempre participar de um acontecimento de linguagem. A experiência hermenêutica, portanto, acontece nas possibilidades da linguagem: *nela*, o ser se manifesta e o compreender se realiza. No entanto, essa centralidade da linguagem suscita questionamentos quando se trata de experiências que frequentemente se situam para além de seus próprios limites.

Nesse contexto, impõe-se uma questão decisiva: se nossa experiência de mundo é mediada pela linguagem, como abordar experiências religiosas que se entendem como situadas para além da linguagem, no âmbito do indizível?

A proposta que orienta esta reflexão é a de que o indizível permanece na linguagem e se manifesta na dialética entre o incompreensível e o compreensível, tornando-se simbólico.

Diante dessa hipótese, torna-se necessário investigar a categoria de *experiência religiosa* à luz do que se convencionou chamar de paradigma da subjetividade (ou estratégia protetiva). Esse paradigma tem início com as contribuições de Friedrich Schleiermacher, precursor da ênfase na interioridade e no sentimento como fundamentos da religião, ao inaugurar as bases do que, posteriormente, consolidar-se-ia nas Ciências da Religião e na Teologia como o conceito-chave de *experiência religiosa*. Essa concepção, desenvolvida no século XIX e reverberada no século XX, foi reelaborada e expandida por autores centrais para os estudos da religião, como William James, Rudolf Otto e Joachim Wach. No percurso desta obra, perceber-se-á que, apesar de suas peculiaridades, esses pensadores compartilham pressupostos que os situam no interior de um mesmo horizonte teórico: o da subjetividade como núcleo da religião. A escolha desses autores se justifica pelo fato de que eles contribuem para a reflexão acerca da estrutura de *experiência religiosa* em seu aspecto *sui generis*. À vista desse propósito de abordagem, no segundo capítulo, serão apresentadas quatro perspectivas, representadas por Friedrich Schleiermacher, William James, Rudolf Otto e Joachim Wach, que

constituem o pano de fundo teórico que sustentará, nos capítulos seguintes, a proposta de ressignificação hermenêutico-filosófica da categoria de *experiência religiosa*. Nesse contexto, destaca-se, no segundo capítulo, a ênfase em aspectos como a imediaticidade, a individualidade, o caráter pré-hermenêutico e a pretensão de universalidade da *experiência religiosa*.

De modo a exemplificar, a análise do segundo capítulo se iniciará em Schleiermacher, a partir de sua obra *Über die Religion:* Reden an die Gebildeten unter ihren Verächtern [1799] (*Sobre a Religião*: discursos a seus menosprezadores eruditos), com o objetivo de ressaltar a autonomia e a especificidade da religião em relação às demais ciências, tomando como base uma vivência religiosa imediata, enraizada no sentimento e na intuição. Em William James, sua obra *The Varieties of Religious Experience*: A Study in Human Nature [1902] (*As Variedades da Experiência Religiosa:* um estudo sobre a natureza humana), será desenvolvida uma abordagem centrada na ideia de que o indivíduo ocupa lugar primordial na estruturação do fenômeno religioso, cuja origem se encontra na experiência individual e solitária do sujeito.

No pensamento de Rudolf Otto, particularmente em *Das Heilige:* Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen [1917] (*O Sagrado*: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional), a distinção entre o racional e o irracional, expressa na categoria *a priori* do *numinoso*, conduz à discussão sobre a imediaticidade da experiência religiosa enquanto experiência pré-hermenêutica.

Por fim, em Joachim Wach, a leitura de *Types of Religious Experience*: Christian and Non-Christian [1951] (*Tipos de Experiência Religiosa:* cristã e não cristã), especialmente o capítulo *Universals in Religion* (Universais na Religião), em diálogo com *The Comparative Study of Religions* [1958] (*O estudo comparado das religiões*), permitirá compreender a ampliação da noção de *experiência religiosa* e a identificação dos universais que a estruturam.

Em síntese, dentro do escopo deste capítulo, nota-se que essas abordagens: o *sentimento* e a *intuição* (Schleiermacher), o *divino* (James), o *numinoso* (Otto) e a *realidade última* (Wach) buscam situar a experiência religiosa em uma região da subjetividade humana considerada inacessível aos métodos de análise objetiva e à linguagem conceitual direta. Nesse sentido, a concepção de linguagem é entendida como um meio de expressão da experiência religiosa, e não como parte intrínseca ou condição de possibilidade dela.

Diante dessas abordagens supracitadas, que, no primeiro capítulo, situaram as contribuições da filosofia hermenêutica de Gadamer, a qual corporifica a proposição dialógica socrático-platônica e os impulsos da tradição hermenêutica,

e que, no segundo capítulo, reuniram as perspectivas de F. Schleiermacher, W. James, R. Otto e J. Wach em torno da categoria de *experiência religiosa*, com suas respectivas contribuições e problemáticas, mover-nos-emos em direção à linguagem e às questões que dela emergem.

Nesse trajeto, almeja-se pensar a *experiência religiosa* a partir da perspectiva hermenêutico-filosófica de Gadamer. Ao deslocar o olhar da *experiência religiosa* como um acontecimento de núcleo subjetivo para um acontecimento que se realiza *na* e *pela* linguagem, abre-se um novo horizonte interpretativo, situado para além da dicotomia entre subjetividade e objetividade; a experiência religiosa passa a ser vista como evento que se dá na trama linguística, na rede de referências compartilhadas que a linguagem tece. É por meio dela (da linguagem) que o ser humano herda e partilha os significados sedimentados na tradição, nas formas históricas, culturais, políticas e simbólicas que moldam sua compreensão *do* e *no* mundo. Nesse sentido, a linguagem vai se configurando como o horizonte que situa e possibilita a própria experiência humana, tornando-se o espaço de onde a categoria de *experiência religiosa* pode ser problematizada e ressignificada.

Nessa perspectiva, ao situarmos a linguagem como horizonte que possibilita e estrutura a *experiência religiosa*, torna-se necessário aprofundar a reflexão a partir das próprias categorias que sustentam essa relação em Gadamer: *experiência* e *religião*. Esse movimento não se restringirá a uma análise terminológica, mas buscará compreender como esses conceitos se configuram no interior da hermenêutica filosófica e quais implicações emergem dessa configuração para a ressignificação da categoria de *experiência religiosa*. É a partir dessa investigação que se pretende evidenciar de que modo Gadamer destrona a experiência humana dos âmbitos subjetivo e objetivo, situando-a em uma perspectiva dialógico-intersubjetiva. Assim, pretende-se compreender como a hermenêutica filosófica de Gadamer oferece uma nova perspectiva para pensar a *experiência religiosa* como evento interpretativo e partilhado, enraizado na tradição e aberto à historicidade da linguagem.

Como ponto de avanço, será abordada a tensão estrutural entre o âmbito do indizível e a tradição, interrogando o estatuto da linguagem quando a *experiência religiosa* reivindica situar-se para além de seu próprio horizonte. A pergunta orientadora será: se, a partir de Gadamer, a linguagem é condição de possibilidade da experiência, como compreender as experiências que se afirmam pré ou extralinguísticas? Para problematizar essa fronteira entre limite e abertura da linguagem, serão retomadas a mística *apofática* (Eckhart), a distinção entre experiência e interpretação (Stace), a inefabilidade e a qualidade noética (James) e, sobretudo, será destacada a tese da mediação linguística de Steven Katz,

influenciada por Ludwig Wittgenstein, segundo a qual não há experiência "pura", mas sempre situada. O caminho no qual nos moveremos permitirá pensar o âmbito indizível de modo dialógico, em que a linguagem é meio (*Mitte*) e não mero instrumento (*Mittel*), lugar em que o ser se realiza na compreensão e, ao mesmo tempo, em que seus limites se mostram e repercutem no horizonte linguístico. Em outros termos, analisar-se-á o pressuposto de que nossa estrutura ontológica, do início ao fim, é mediada *na* e *pela* linguagem, ou seja, desde a pré-compreensão até a compreensão, há sempre possibilidades interpretativas e discursivas que se constituem no interior da linguagem, o que converge para a tese hermenêutica de que não pode haver interpretação sem pressupostos. De um lado, encontra-se o sujeito diante de sua religião; de outro, a tradição e a historicidade que o antecedem e o constituem: o pano de fundo hermenêutico no qual o intérprete está situado. O que une essas duas dimensões, intérprete e tradição, é a linguagem. É ela que nos permite comunicar, dialogar, refletir, interpretar e, sobretudo, experienciar o mundo, as coisas e o "outro". Desse modo, *a partir* de Gadamer, busca-se pensar a linguagem como uma rede de referências e significados que entrelaça elementos subjetivos e objetivos, produzindo efeitos formativos no diálogo e constituindo o próprio horizonte no qual a *experiência religiosa* se torna possível e interpretável.

De modo implicativo, será abordado como a concepção substancialista da religião tende a desarticular sua dimensão pública. Essa concepção, ao absolutizar a "essência" da religião e seus aspectos intrínsecos, acaba por secundarizar as dinâmicas sociais, culturais e políticas da *experiência religiosa*. No entanto, como observa Strenski (2010, p. 63), o fenômeno religioso nunca é neutro nem autônomo, pois está inevitavelmente atravessado por relações de poder, processos práticos e simbólicos de legitimação, estruturas de dominação e resistência. Por conseguinte, torna-se fundamental reabrir o espaço público ao diálogo, à escuta e à pluralidade de vozes e horizontes: condição indispensável para que o fenômeno religioso possa ser pensado em sua profundidade hermenêutica. Assim, no ponto de avanço, esta obra reafirma o caráter dialógico da experiência religiosa: não como esfera puramente intrínseca ou extrínseca, mas como dimensão relacional, em que ambas as partes se tocam mutuamente e onde, na linguagem, o sentido se dá, tensiona-se e se transforma.

Em síntese, esta obra desenvolve a tese de que o limiar e/ou a articulação entre o âmbito do compreensível e do incompreensível acontecem nas possibilidades da linguagem. Mesmo que esse compreensível não possa ser colocado em palavras precisas (que designem a "coisa mesma"), o âmbito da compreensão permanece na linguagem. De modo mais categórico, sustenta-se que, na experiência religiosa,

está imbricado o acontecer da linguagem, que não apenas nos possibilita falar sobre essa experiência ou descrevê-la, mas, de modo mais originário, vivenciá-la na relação com o mundo, a cultura, a historicidade e o outro, em um processo que produz efeitos (trans)formativos. Portanto, o acontecimento da linguagem, enquanto núcleo da experiência humana, destrona a absolutização subjetiva da *experiência religiosa*, situando-a no âmbito intersubjetivo, público e dialógico.

Se, nesta obra, afirma-se que a linguagem é o espaço em que o ser se manifesta e a *experiência religiosa* se constitui, é também necessário reconhecer que ela delimita um ponto fecundo: a fronteira entre o dizível e o indizível, em que essa experiência designada de indizível desvela a força mais originária da linguagem. Pensar esse limite fronteiriço é refletir sobre a potência (re)criadora da linguagem: o lugar em que o silêncio não nega o dizer, mas o fecunda. É nesse horizonte que a parte final desta investigação se moverá: entre o dizível e o indizível, entre paradoxos e oxímoros, entre experiência e contraexperiência. Nesse contexto, por meio da literatura, terreno privilegiado em que a linguagem experimenta seus próprios abismos, seremos convidados a perceber como ela se renova e se recria ao tocar seus limites. Com efeito, o âmbito do indizível não silencia a linguagem; ele a convoca, abrindo o espaço em que o âmbito do dizível e o do indizível se entrelaçam e se tocam mutuamente nos limiares da linguagem, desvelando o caráter hermenêutico da *experiência religiosa* em perspectiva *ontodialogal*.

Nesse contexto de abertura dialógica e atenção aos limites da linguagem, cumpre ainda reconhecer um aspecto importante quanto ao recorte teórico adotado nesta pesquisa. Os autores que constituem o núcleo central da reflexão, tanto na hermenêutica filosófica quanto na formulação clássica da categoria de *experiência religiosa*, são, em sua maioria, homens. Essa constatação reflete, em grande medida, o processo histórico de constituição do campo filosófico e dos estudos sobre religião ao longo dos séculos XIX e XX. Reconhecer esse dado implica situá-lo criticamente, compreendendo-o como expressão das condições históricas e institucionais que moldaram a formação da área, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de ampliação do horizonte teórico por meio da incorporação de vozes de autoras e de perspectivas que tensionam e enriquecem as categorias tradicionais. Ao explicitar essa constatação, busca-se sinalizar a necessidade de uma abertura contínua do campo a outras vozes, experiências e perspectivas. Urge, portanto, o aprimoramento do diálogo com abordagens que tensionam e reconfiguram os conceitos aqui mobilizados, ampliando suas perspectivas e apontando caminhos para uma produção do conhecimento mais plural e sensível às transformações no campo dos estudos sobre religião.

Nesse horizonte, o exercício hermenêutico aqui proposto, a partir de princípios conceituais centrais da hermenêutica filosófica de Gadamer, como *história efeitual*, *fusão de horizontes*, *mito*, *jogo*, *símbolo*, *festa*, *tradição*, *pré-compreensão*, *compreensão* e *diálogo*, produz efeitos formativos ao deslocar horizontes, reconfigurar compreensões e ampliar a capacidade de escuta e interpretação. É nesse movimento que a formação se faz dialógica, não se apresentando como um objetivo previamente estabelecido, mas como desdobramento do próprio acontecer da linguagem: um processo no qual compreender não significa dominar um sentido, mas deixar-se interpelar por ele. É nessa dinâmica que se convida o leitor a adentrar esta investigação pelas trilhas da hermenêutica filosófica, *a partir* de Gadamer, para pensar os limites e as possibilidades da linguagem enquanto acontecimento que torna possível a compreensão. Desse modo, a pesquisa se abre como um convite à escuta, à reflexão e ao movimento interpretativo que constitui tanto o percurso do texto quanto o próprio leitor a quem ele se dirige.

A hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer e o seu aspecto universal: o fenômeno da compreensão *pela* e *na* linguagem

> A relação essencial entre linguisticidade e compreensão se mostra, para começar, no fato de que a essência da tradição consiste em existir no *medium* da linguagem, de maneira que o objeto preferencial da interpretação é de natureza linguística. (Gadamer, 1999b, p. 567)

O presente capítulo pretende situar o lugar da linguagem na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer e na plausibilidade de sua universalização. Nesse caminho, abordar-se-á o traço característico da hermenêutica de Gadamer, a saber, o fenômeno da compreensão (*Verstehen*), que, cada vez mais, foi uma de suas grandes questões, tanto pela intensificação política e social do mundo no contexto em que ele se encontrava, quanto pela sua investigação do problema da linguagem, isto é, do processo de entendimento que acontece sempre que o ser humano está às voltas com algo, com alguém, consigo mesmo e diante do mundo. Neste percurso, será destacada a postura socrático-platônica que Gadamer assume ao alicerçar as bases de sua hermenêutica no diálogo, isto é, no movimento dialógico e relacional, reconhecendo que o fenômeno da compreensão não é um processo isolado, mas sim um fluxo constante. Diante da presente abordagem, buscar-se-á situar a interlocução de Gadamer com outros pensadores, reconhecendo o contexto intelectual em que ele se insere, o que proporciona distinguir e fundamentar a sua hermenêutica filosófica na linguagem. Será abordado o dito de Gadamer de que: "*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*" (Gadamer, 1990, p. 478), isto é: "*ser que pode ser compreendido é linguagem*" (Gadamer, 1999b, p. 687). Destaque será dado ao fato de que a linguagem impulsiona e perfaz o movimento hermenêutico, tornando-se o *meio* pelo qual ocorre a compreensão. Através da linguagem, estabelece-se a fundamentação universalizante da hermenêutica filosófica, pois o ato de compreender é considerado um fenômeno originário e fundamental ao modo humano de ser no mundo. De modo mais preciso, será abordado o fato de que a linguagem, na hermenêutica filosófica de Gadamer, é